"Acho que o artista é um vector de intervenção"

● **Ídasse em entrevista à Gazeta**

«Penso que as raízes são um sinal de vida, de natureza. São as raízes que suportam as coisas. Se elas secam cai tudo»./Foto de J. Cabral/

Uma exposição feita à revelia de apoios é a proposta que desde há uma semana Ídasse nos apresenta na sede da Associação dos Escritores Moçambicanos.

«Vou pagar as coisas do meu bolso», disse ele em entrevista à «Gazeta». Uma conversa arrancada a ferros, é preciso dizer. Para azar nosso havia uma grande fotografia na sala onde o «paleio» aconteceu e então o Ídasse, falho de estimulantes, esquecia-se de falar para vaguear pelas árvores à procura das obsessivas raízes que os seus desenhos mostram.

«TIBONELI»/Foto de J. Cabral/

Pachorrento, dado a silêncios, tão teimoso em dizer pouco como em levar até ao fim os seus intentos, sente-se que há nele uma personalidade segura, uma entrega sincera à arte que (o) escolheu, com todos os riscos assumidos.

A escolha da AEMO não foi por acaso. Ilustrou «Charruas», capas de livros, desenhos da malta, etc., e aquilo é também a sua casa. Mas foi uma quase solução de recurso pois que se teve alguns mínimos apoios «eles vieram de fora. Os que deviam não fizeram nada quando chegou a hora da verdade». — queixa-se.

Não obstante a exposição lá está na 24 de Julho para durar dez dias e como queixas não pagam dívidas aqui ficam «as bocas» do jovem artista.

«Gazeta» — **Começa a haver um «boom» de jovens nas artes plásticas. Acreditas que temática e esteticamente há realmente novas propostas?**

Ídasse — (depois de um silêncio) Este ano vai ser o da quebra de certos mitos por aí.

«Gazeta» — **Quais mitos?**

Ídasse — Queres-me vender, é? Quando digo mitos quero dizer que as artes plásticas se confinam aos nomes de fulano e de sicrano. Mas no fundo não é isso. Há valores com os quais é preciso contar e começar a pensar neles. O que se passa é que muitas vezes as pessoas não têm espaço para mostrarem aquilo que valem.

«Gazeta» — **Consideras-te um novo valor?**

Ídasse — Isso é muito subjectivo. Acho que o público é que é o júri. Nestas coisas não se trata tanto de mostrar o «Belo» mas o de conseguir transmitir uma certa mensagem na qual nos sintamos realizados. O resto é uma viagem

opaca em que a gente fala e o público não percebe. Penso que deve haver comunhão.

«Gazeta» — **Existe, portanto, uma estratégia de comunicação** ...

Idasse — Parto de coisas concretas. Oiço as conversas e depois faço a minha prova dos nove. Acho que o artista é um vector de intervenção. Começo pelo dia a dia e depois desenho. À minha maneira quero é sempre trazer algo de novo. Claro que às vezes um tipo descarrila. Mas procuro ser singular.

«UM GAJO VIVEU RODEADO DE RAÍZES»

«Gazeta» — **Há maningues raízes nos teus desenhos** ...

Idasse — Eh pá! Ya! Sempre tive a tendência de preencher as coisas. As raízes nascem da minha visão das árvores. Há muitas árvores nossas com raízes de fora. Estudei-as e vi que encerram muita mensagem. Penso que as raízes são um sinal de vida, de natureza. São as raízes que suportam as coisas. Se elas secam cai tudo. E desde miúdo que um gajo viveu sempre rodeado de raízes!

/É o momento mais vivo da conversa. Idasse gesticula. As palavras saem-lhe com mais facilidade. Sorri. Olha com uma certa cumplicidade para as árvores na fotografia da parede da sala. Depois cai em si. O José Cabral, que foi um dos pequenos apoios do Idasse ao reproduzir-lhe os desenhos para o catálogo, chateia-se com tanto silêncio. Quase que o insulta para que deixe de falar telegraficamente.

/As raízes operaram o único pequeno milagre do bate-papo. Rui Nogar ao escrever sobre o «poder expressivo» dos desenhos de Idasse realçou a «persistência vigorosa, impositiva mesmo, das raízes que, enrodilhando-se possessivas nas figuras humanas retratadas, nos transmitiam como que uma advertência — a de que não podemos dissociá-las da nossa personalidade; delas deve emergir a nossa configuração humana, a identidade dos que se emocionam e se projectam no chão deste país»./

«DAMBOIA» — mulher da corte de Ngungunhane./Foto de J. Cabral/

A CRÍTICA E OS PROJECTOS

«Gazeta» — **Como é que vês a questão da crítica?**

Idasse — Em Moçambique não sei se, de facto, ela existe. Há dois tipos de crítica: a que é feita pelas pessoas que sentem as coisas por dentro e a outra, que é uma crítica de profissionais com comentários só para marcarem presença.

«Gazeta» — **Bem. Não há dúvidas que está desenterrado o machado de guerra ... E os teus projectos?**

Idasse — Tive gente que já me ofereceu a possibilidade de sair. Mas primeiro quero trabalhar aqui e só depois avançar.

«Gazeta» — **Cumprir todas as etapas** ...

Idasse — Sim. Este é o começo. O que virá a seguir ainda não sei. Acho é que tudo o que se move tem um ponto de partida. Eu escolhi este. O tempo o dirá ... Sei é que aposto no trabalho. Sou teimoso. Repara que até nem sei se estou em alguma fase. Faço as coisas como elas aparecem.

«Gazeta» — **Deixa as fases para os críticos** ...

Idasse — É! ... (silêncio) Esta exposição de desenho é o preâmbulo. Depois a pintura, a cerâmica, todas as modalidades em que tiver a oportunidade de mexer. Quero também situar-me perante as pessoas sem as baralhar nem me baralhar.

L. C.P.